

APRESENTAÇÃO

Estudos sobre as formas de sociabilidade em espaços rurais constituíram-se em base empírica importante no desenvolvimento das ciências sociais. Particularmente, o próprio desenvolvimento científico da sociologia, ao referir-se prioritariamente aos problemas da sociedade industrial, fundou-se em interpretações ora de polarização, ora de complementaridade, entre as sociedades rurais e a moderna noção de urbanidade. A retomada da construção de conceitos como os de *milieu* econômico em M. Weber e de economia moral em E. H. Thompson, bem como as noções de resistência cotidiana em J. Scott e de consciência temporal em P. Bourdieu – somadas à análise histórica das burocracias agrárias na formação dos estados modernos em B. Moore Jr. e à marcante definição de sociedade camponesa de H. Mendras – é, dentre outras, uma das alternativas de compreensão da trajetória dos desdobramentos conceituais de estudos rurais que contribuíram sobremaneira para *status* analítico de distintas problemáticas modernas no campo das ciências sociais.

Com efeito, a ruralidade é um fenômeno complexo, que define-se fundamentalmente pelo estabelecimento e pela manutenção de relações sociais específicas em recortes territoriais de baixa densidade populacional, que mantém interações particulares com centros urbanos e assume dimensões materiais e simbólicas bastante peculiares no conjunto da sociedade global. Neste contexto, os tipos de relações de acesso dos grupos sociais ao ambiente natural são decisivos. Códigos próprios de conhecimento e construções singulares de projetos e destinos por parte destas populações demandam das ciências sociais, portanto, esforços contínuos de interpretação.

Este dossiê tem como objetivo abordar faces distintas concernentes às formas de reprodução de relações sociais características de contextos rurais. Na medida em que, face à consolidação da alta modernidade, as práticas cotidianas de produção material e de construção de identidades no campo seguem sendo profundamente afetadas, dando margem à promoção do que alguns estudiosos vêm chamando de *sociedade do esquecimento*, o dossiê também pretende recuperar a categoria memória como espaço de intersecção de realidades

que são simultaneamente subjetivas e objetivas. Neste caso, a memória é entendida como um ingrediente importante da identidade; ou seja, memória e história acham-se relacionados em termos de *sentido* (na acepção weberiana) das práticas sociais.

Articulados aos contextos de ruralidade e determinantes na constituição da memória, os fenômenos migratórios completam a problemática do dossiê particularmente em sua influência sobre a construção de identidades no campo do trabalho. O estudo das trajetórias migratórias assentados nas perspectivas de gênero, de geração e étnica, permite, dentre outros, a complexificação das categorias laborais tradicionalmente envolvidas nas interpretações sobre as relações de trabalho no campo.

A problematização interdisciplinar destes temas vem sendo desenvolvida, desde 2002, no âmbito do grupo de pesquisa CNPq “Terra, Trabalho, Memória e Migrações”, coordenado por Maria Aparecida de Moraes Silva. No Brasil, o grupo conta com suporte financeiro do CNPq, da Capes, da Fapesp e do NEAD (Núcleo de Estudos Agrários e de Desenvolvimento Rural, vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário), e no exterior, da *Maison des Sciences de l’Homme* (MSH-Paris, França) e do *Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología* (CONACYT, México). Atualmente, o grupo é composto por pesquisadores do Brasil, da Argentina e do México, com vínculos institucionais distribuídos entre UFSCar, USP, Unicamp, UNESP, UFCG, *Universidad Autónoma do México* e *Universidad Nacional del Comahue*. O grupo vem participando ativamente de encontros científicos nacionais e internacionais voltados às temáticas da terra, do trabalho, da memória, da migração, do gênero da cultura e do meio ambiente.

O dossiê se inicia com um artigo de Sara Flores, que aborda a temática da migração de trabalhadores rurais na região noroeste do México. A partir da genealogia de uma família da localidade de Coatecas (estado de Oaxaca), com mais de uma centena de membros de quatro gerações, a autora aborda o papel dos indivíduos nas estratégias de mobilidade da família, reconstituindo assim os laços sociais definidores de sua circulação territorial. Dando sequência ao debate sobre migração, Maria Moraes Silva introduz ao dossiê a temática da memória através da interpretação sobre narrativas de trabalhadores a respeito de *experiências*, suas histórias de vida. Inserida no debate sobre a construção de identidades em trânsito, a autora nos mostra como a formação das narrativas de acampados e camponeses-migrantes resulta das

contradições entre os processos de conservação e dissolução de valores, práticas sociais e individuais.

Em seguida, apresento uma contribuição à discussão sobre temporalidades do trabalho em contextos de ruralidade. Partindo do debate sobre a industrialização da agricultura brasileira, discuto as dimensões de modernidade de uma modalidade de trabalho consagrada por parte da literatura das ciências sociais com expressão de eventual *fraqueza* do desenvolvimento capitalista da agricultura nacional, a saber, o trabalho temporário. Ainda na temática do trabalho, Marilda Menezes, utilizando a narrativa de camponeses e camponesas sobre o trabalho na infância, aborda em seu texto a constituição da noção de “bom trabalhador” no espaço doméstico camponês. Também voltada ao tema da identidade, a autora avança sobre as disputas envolvidas na tecitura das experiências das relações entre pai, mãe e filhos através da memória do trabalho. Rearticulando o tema memória e migração, Mónica Bendini, Martha Radonich e Norma Steimbregger apresentam um estudo sobre a mobilidade territorial de trabalhadores rurais argentinos inscritos na fruticultura exportadora do norte da Patagônia argentina. Discutem ainda a possibilidade de avanços conceituais relações à própria definição de migração na sociologia rural.

Já os artigos de Fábio Ocada e Adriana Bogado trazem contribuições sobre o emprego da memória e da história oral em estudos sociológicos fora dos contextos de ruralidade. No texto de Ocada temos a apresentação de uma pesquisa, desenvolvida em forma de tese de doutoramento, sobre a imigração japonesa para o Brasil e a recente emigração de trabalhadores nikkeis ao Japão. Seguindo a sugestão benjaminiana, o autor busca *escovar a história a contrapelo*, enfocando os distintos níveis de conflito vivenciados por estes migrantes nos momentos chave de (re)construção de suas experiências e identidades, contribuindo com novos resultados para o debate a propósito do uso da categoria trabalho na sociologia. Bogado, por sua vez, nos apresenta um estudo sobre as Assembléias de Bairro na Argentina. Identificando na recuperação/construção de lugares de memória instrumentos de ação política, a autora tematiza os conflitos entre o que chama de memória coletiva nacional (ou memória oficial) e as memórias subterrâneas, silenciadas, que emergem em momentos de crise.

Por fim, Carmen Andriolli e Andréa Vetorassi nos apresentam estudos sobre memória e identidade entre trabalhadores do campo. No caso de Andriolli, o trabalho foca a reconstrução da memória de colonos

e colunas de uma antiga fazenda cafeeira do nordeste paulista, hoje transformada em estação ecológica – Estação Ecológica de Jataí. Lançando mão da história oral e do uso de mapas afetivos para a reconstrução da memória coletiva, a autora aborda, dentre outros, os conflitos inerentes à emergência de novas institucionalidades, nem sempre democráticas, de gestão de áreas de conservação ambiental. Casando o emprego da história oral e dos mapas afetivos com bases de dados quantitativos, Vetorassi nos apresenta um estudo sobre a construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores rurais que migram para Guariba, cidade-dormitório de economia sucroalcooleira do interior de São Paulo. Amparada na sociologia de P. Bourdieu, a autora discute a lógica da diferenciação social através de violências simbólicas e estigmas.

Creio que a leitura deste conjunto de textos contribuirá em vários sentidos para aqueles cujos interesses acadêmicos encontram-se voltados para os temas da ruralidade, da memória e das migrações. Ademais, mesmo aos não especializados nestes debates, o dossiê permitirá o acesso a questões e indicações de leituras de grande valia para as ciências sociais contemporâneas.

Rodrigo Constante Martins
organizador